

Nossa homenagem ao Dia das Mães

Feito rocha

Firme feito rocha
 Posta e encravada
 No sopé da montanha
 Sustentando
 Amparando
 Sendo
 Erguendo
 Eivando
 Elevando
 Feito rocha
 Um salve às mães!

Mãe
 Mães
 Para todas as mães
 Às mães que são pais
 Que são mais
 Bem mais
 Que são solo
 Chão
 Que é pão
 Pães
 Mães

Um feliz dia
 Para todas as mães
 Mães de aqui
 Ali
 Acolá
 Mãe xavante, tupi, bororó
 Mãe do nhamê
 Mãe yanomami
 Mãe preta
 Mãe do quilombo
 Das serras
 Das gerais
 Do sertão

Mãe japonesa
 Mãe russa
 Mãe ucraniana
 Mãe Ana
 Iraniana

De fuzil empunhado
 Pela escola infantil
 Tão só
 Que virou pó
 Poeira
 Sem eira
 Sem beira
 Com 180
 crianças-
 bebês

Mãe Maria
 Maria de
 Nazaré
 Da Síria
 Mariana
 Paula
 Laura
 Maura
 Moura
 Benedita
 Bendita
 Aquela que
 mora
 Que des-mora
 Que demora
 A outra que não mora
 Que vive
 Que habita
 Sob a ponte
 No desmonte
 Do morro
 Do monte
 Da favela
 Da bala perdida
 Que abriu o muro
 Um furo na cabeça
 Do seu bebê

Mães brasileiras
 De uma ponta a outra
 Dos campos ao litoral
 Das serras
 Escarpas
 Mães sem-fim

Dali
 Do Oiapoque ao Chuí
 São mães
 Muitas



Escultura "La Mujer Que Nunca Hizo Nada", de José Luis Fernández (2001) – Saraçoza, Espanha

Milhares e milhões
 Mães ricas
 Sem tostões
 Mães plenas
 Incompletas
 Desfeitas
 Parte por parte
 Sem arte
 Só um traste
 Lançadas para Marte
 Pelo amor não cumprido
 Ferido
 Descumprido
 Ido ao largo, ao longe
 Homicídio
 Feminicídio
 Desse Brasil adoecido

Um brinde heróico
 Às mães de Gaza
 Da Cisjordânia
 Mães

Mãe que enfrenta
Que aguenta
O fogo
O lodo
O nojo
No bojo de tanta
destruição
Que resiste
Sob a pedra
A ruína
E que sorri
Sem alarido
A ausência do marido
Sem suicídio
Que enfrenta o genocídio
Que escorre
Que despenca em tiros
Em bombas
Que caem do céu
Do inferno
De Israel

Um viva às mães
Esses seres intraduzíveis
Meio gente
Meio céu
Infinito
Força
Semente
Somente
Ser da gente

Vá saber
Desse ser!

Viva!
Vivas!

Para a minha mãe!
Para a sua mãe!

Saudemos esse tempo
Tempo de delicadezas
perdidas, arrasadas,
destroçadas.

Lembremos do colo
quente, abençoado e

benfazejo de nossas
mães.

VIVA!
Se ainda puder...
VIVA!

Ângelo Cavalcante
Itumbiara, 10 de maio de
2026

=====

Ângelo Cavalcante é
economista, professor
da Universidade
Estadual de Goiás
(UEG), em Itumbiara,
e da PUC-GO.

Autorizou a
publicação com um
simpático: o artigo é
de vocês. Mas caso não o
tivéssemos conseguido
consultar, ainda assim
publicaríamos o poema;
nesse caso, cobertos
apenas pelo 'direito
natural' concedido às
'publicações do bem' de
circular poemas que são
belos (N. da R.). Foto do
autor retirada do seu Facebook.

